

CENAS DE ADVOCACIA EM JOHN DICKSON CARR⁽¹⁾

Pelo Dr. Jaime Freire

Resumo:

Partindo das cenas em que participam advogados nos romances policiais de John Dickson Carr, procura-se neste texto refletir sobre o papel da advocacia à luz de princípios deontológicos tradicionais e aceites pela comum opinião dos grandes causídicos.

Palavras-chave:

Advocacia, deontologia, crime.

JOHN DICKSON CARR (Uniontown/Pensilvânia 1898 — Greenville/Carolina do Sul 1977), porventura o mais distinto representante da *golden age* da ficção policial, dessa época de esplendor onde o mistério do assassinato se aperfeiçoa com o enigma e o *suspense* de solar num jogo limpo com o leitor, gostava dos advogados e compreendia bem o seu papel (o pai era um notável *lawyer*), ao contrário de outros escritores do género que, decerto por desconhecimento da figura, se limitavam a fazer retratos banais e vulgares dos homens de leis, ou a ignorá-los em situações onde a sua presença era necessária. Mesmo assim John Dickson Carr (e o seu *outro eu* Carter Dickson) não resistiu ao fascínio, ou ao encanto, do lado negro da advocacia... (“poucas coisas do mundo são mais fáceis do que pôr um advogado no papel de vilão”, disse um realista americano), se bem que essa mitologia negativa apareça

(1) *Nota do Autor:* Este texto foi escrito por um advogado e leitor de romances policiais clássicos, e reflete somente uma forma, entre outras, de combinar estes dois mundos — Direito (deontologia profissional, numa era em que esta disciplina é cada vez mais necessária) e literatura. Não se trata, dados os desvios e a evasão que inclui, de um trabalho académico, nem tão-pouco didático. As unidades do texto, numeradas por letra romana, são compostas por três parágrafos separados por um espaço interlinear que correspondem a: Abertura (do tema), Comentário (de Direito) e (breve) Sinopse.

descrita nos seus romances somente por causa da hábil construção da intriga e da necessária caracterização das personagens suspeitas dentro da história criminal, sem sortilégio, portanto, e quase sempre com aquela discreta amabilidade dos autores cortesões que sabem que os advogados americanos ou anglo-saxônicos são exatamente iguais aos continentais.

I

[Abertura] Em *O Enigma da Virgem de Ferro*⁽²⁾, Payne, o advogado dos Starberth, “cão antissocial”, cujo branco dos olhos reluz na penumbra, vela, enquanto testamenteiro, pelo cumprimento absoluto de uma formalidade sem sentido.

[Comentário] Um modo de servir a lei, os ícones, mais do que a Justiça ou a sua ideia. Pode suscitar-se o problema da obediência à lei injusta, embora no caso o tema surja em termos de *religioso* cumprimento de uma regra jurídica absurda, de significado incompreensível, sem indícios de violação de princípios fundamentais. O excesso de reverência ao texto (uma variação de o que não está nos autos não está no mundo) pode originar uma escusada e tacanha servidão (nos antípodas da “pesada servidão” que o exercício da advocacia implica de que fala Maurice Garçon)⁽³⁾ quando não contemple a mudança diante do caso concreto. O “texto dos mortos” (sintagma de Roland Barthes para dizer o mesmo) petrifica o fraco intérprete.

[Sinopse] O quarto do governador de uma antiga prisão, construída sobre um lugar onde outrora se enforcavam as feiticeiras, oculta um anátema num cofre. A revelação do nome de um assassino feita a um teólogo enquanto ministrava a extrema-unção a uma vítima põe a questão da quebra do segredo religioso, mas entretanto sucede a decifração de um criptograma. Os crepúsculos da terra estão cheios de fantasmas. Belo, o romantismo no modo como dois jovens veem as coisas e andam pela aldeia próxima do sítio maldito. Um mistério passado no campo ante a desconstrução do arguto Gideon Fell.

(2) CARR, JOHN DICKSON, *O Enigma da Virgem de Ferro* (*The Hag's Nook*, 1933), Livros do Brasil, s/d.

(3) GARÇON, MAURICE, *O Advogado e a Moral* (*L'Avocat et la Morale*, 1963), Arménio Amado, 1963, p. 10.

II

Theseus Langdon, o esquivo advogado do homem assassinado e de um escroque americano em *O Oito de Espadas*⁽⁴⁾, faz chantagem sobre uma personagem suspeita a fim de obter para si metade dos bens em rapina no enredo.

Com o seu comportamento desviante Theseus Langdon cometeu o crime de extorsão (*racketteering*) como qualquer cidadão que procedesse do mesmo modo. Fez a ameaça ao suspeito para enriquecer e, ao passar para o *outro lado*, prejudicou os fins e o prestígio da advocacia. Demonstrou não ser digno da profissão ao rasgar com a sua cupidez e rapacidade o credo da classe, contribuindo para o declínio da (imaginária) mística.

Um homem é assassinado num quarto assombrado por um *poltergeist* numa casa rural do Condado de Gloucestershire. Em vida o morto costumava citar o advogado epicurista Brillat-Savarin. Na mesma zona, um bispo que profere ameaças anticlericais enquanto ataca as criadas domésticas, um escritor de livros policiais é mostrado ao ocaso e um criminologista amador está enamorado por uma dama também dali. Gideon Fell explica os mistérios e o significado da cartomancia e da teosofia.

III

Em *Os Crimes do Unicórnio*⁽⁵⁾ o advogado Hayward é uma personagem pedante e gabarola, sem temperança ou contenção, semelhante a um malicioso mordomo de comédia burguesa.

O advogado deve mostrar-se à altura do ofício mesmo fora do seu concreto exercício, e na rede social, como no velho adágio, não basta ser, é preciso parecer, e para isso nada melhor que bom senso e moderação, como ensina Maurice Garçon. Os tenores do passado caíram com estrondo e muitos (sem nos referirmos ao cómico de *Os Crimes do Unicórnio*, trocaram “a toga [o sublime lirismo] pelo carnavalesco traje de Arlequin” (na frase de Ángel Ossorio y Gallardo)⁽⁶⁾).

(4) CARR, JOHN DICKSON, *O Oito de Espadas (The Eight of Swords)*, 1934), Livros do Brasil, 1996.

(5) DICKSON, CARTER, *Os Crimes do Unicórnio (The Unicorn Murders)*, 1935), Empresa Nacional de Publicidade, s/d.

(6) OSSORIO Y GALLARDO, ÁNGEL, *A Alma da Toga (El Alma de la Toga)*, 1920, 1942), Coimbra Editora, 1956, p. 30.

Aventura policial narrada por Kenwood Blake que gira em torno da infernal audácia (e astúcia) de um assassino camaleão que fará uso fatal de um chifre de rinoceronte (ou de unicórnio...). O folhetim começa em Paris e continua de noite num castelo dos arredores da cidade debaixo de chuva diluviana. Henry Merrivale desenreda a farsa.

IV

Em *O Relógio da Morte*⁽⁷⁾ a advogada Lucia Mitzi Handreth fala de maneira agressiva, como se todos lhe fossem hostis.

Há um dever de urbanidade e um princípio de retidão e respeito para com o outro no universo da advocacia que não foi observado, prevalecendo nas relações a adversa falta de boas maneiras, a rudeza, enfim, a forma incorreta de se relacionar e fazer ouvir. O tópico parece *naïf* (e é), mas o abandono da gentileza, deste ponto de referência (hoje lemos que não é somente pela eloquência, e muito menos pelas flores da retórica, que Cícero recorda aos iniciados a utilidade da leitura dos poetas), faz parte da queda da imagem do advogado e da vitória do Cavaleiro Vermelho de que fala Walter Bennett em *O Mito do Advogado*.

Um homem é assassinado com o ponteiro dos minutos de um relógio de torre, na casa grande de um relojoeiro. O assassino age com premeditação, com “pensamento frio”. O par romântico da história passa noites no telhado do edifício, o rapaz estudando Direito, ou recitando versos para a rapariga. Gideon Fell, de capa preta e chapéu jesuítico, duas bengalas, soluciona o intrincado caso.

V

No famoso romance *O Enigma da Cripta*⁽⁸⁾ o advogado Mark Despard decide abrir a cripta da mansão da família para exumar o cadáver do tio e assim realizar uma autópsia secreta e à margem da lei. O motivo é aparentemente honroso, suspeita com fundamento que o excêntrico tio foi

⁽⁷⁾ CARR, JOHN DICKSON, *O Relógio da Morte* (*Death Watch*, 1935), Empresa Nacional de Publicidade, s/d.

⁽⁸⁾ CARR, JOHN DICKSON, *O Enigma da Cripta* (*The Burning Court*, 1937), Editorial Minerva, 1960.

envenenado, mas no ato (dada a *fuga* do morto) há tentativa impossível de profanação de cadáver. Antes, o advogado ocultou provas no local do crime, levando do quarto do falecido uma chávena de prata contendo vestígios de gemada com arsénico e um gato morto que enterrou bem fundo num canteiro do jardim, e aqui entra a figura do encobridor ou do auxílio ao criminoso, se este, claro, for outra pessoa.

Ocultar provas visíveis da existência de um crime, seja para ganhar a causa ou favorecer alguém, reduzidos móveis, é uma forma de viciar as cartas do jogo processual e iludir e manipular a Justiça, é atuar com deslealdade para com as regras e a matriz do justo processo.

Numa viagem de comboio de Nova Iorque para Filadélfia um homem do mundo da edição vai lendo um livro de criminologia e, a dada altura, vê a *sua* mulher numa fotografia de uma envenenadora guilhotinada em 1861 (setenta anos antes!), Marie d'Aubray (o nome invoca o de Marie-Madeleine d'Aubray, Marquesa de Brinvilliers, a assassina em série que utilizava arsénico com adição de vitríolo e veneno de sapo para matar e morreu decapitada em 1676...). Depois, continuando na densa atmosfera de mistério, um cadáver desaparece inexplicavelmente de um caixão sepultado na cripta subterrânea de uma antiga mansão. Não há passagens secretas na cripta, nem prestidigitações idênticas. Uma história de fantasmas e máscaras, de envenenadoras não-mortas queimadas no Tribunal do Fogo e bruxaria, num justamente célebre enigma de quarto fechado.

VI

Em *Desafio à Polícia*⁽⁹⁾ Jeremy Derwent aparece como um advogado sinistro, habitante de casas assombradas e fatídicas, tão indecifrável que nem as borboletas do pavilhão do seu jardim ousam tocar ou pousar nele, como se (“o terror das mariposas”) fosse venenoso e mortal.

Abstraindo do fantástico das casas assombradas e do pressentimento das borboletas, o advogado não deve ter um comportamento antissocial (ou indiferente), dado ser contrário ao papel simbólico que representa na sociedade e aos costumes e hábitos que inversamente remetem para a sucessiva humanidade. Outra coisa é a postura de esfinge, se esta vem da essência do artífice. Aqui não fazem sentido juízos de valor, anátemas, e

(9) DICKSON, CARTER, *Desafio à Polícia (The Peacock Feather Murders; The Ten Teacups, 1937)*, Livros do Brasil, 2000.

tão-pouco se pode vislumbrar nisto, nesta ascese contrária à exibição, o referente de uma personalidade anormal.

Um jovem praticante do culto dos Aventureiros, inspirado na ancestral Cavalaria Andante, é assassinado nas águas-furtadas de uma casa deserta por um assassino invisível. O aventureiro é morto pelas costas e à queima-roupa com um revólver do tempo do Far West. Sobre a mesa da divisão encontram-se dez chávenas de chá de porcelana da Itália renascentista dispostas em círculo, como que para a realização de uma cerimónia religiosa ou qualquer assembleia de uma sociedade secreta dirigida na sombra. Afastando o espectro das diabólicas chávenas de chá, aventa-se a hipótese da existência de um mecanismo oculto na sala que justificasse o crime impossível. Antes do assassinato, as personagens brincaram, noutra casa, ao Jogo do Assassínio. O Diabo estava entre os jogadores. Um enigma à medida de Sir Henry Merrivale.

VII

Em *Cinco Caixas = Morte* ⁽¹⁰⁾ o advogado Charles Drake, sócio mais novo da conceituada firma Drake, Rogers & Drake, estabelecida em Londres antes de a Rainha Vitória ter nascido, é apresentado como um sujeito cínico e desumano, corcovado como uma rã, de olhos pardos, tudo apontando para que seja ele o “sedentário assassino” antropológico da história. O dragão. O escorpião demoníaco.

Quem matar outra pessoa utilizando para o efeito veneno (meio insidioso), e agir com frieza de ânimo e reflexão, revela especial perversidade, e comete, se diferentes circunstâncias favoráveis não sucederem, o crime de homicídio qualificado (assassinato). Quanto à desumanidade, o desprezo pelo outro e pelos valores sociais, a manifestação destes sentimentos, sabe-se que é o principal atributo dos psicopatas insensíveis. Drake quebrou o espelho do ministério, estilhaçando o seu holograma. Mas é assim que aparecem no real “os mitos da sombra”⁽¹¹⁾.

Quatro personagens narcotizadas com atropina (*atropa beladonna*) por um estranho que faz uso de uma modalidade de envenenamento engenhosa, em si e para construções de álibi. H. M. descobre o autor do diabólico método.

⁽¹⁰⁾ DICKSON, CARTER, *5 Caixas = Morte (Death in Five Boxes, 1938)*, Livros do Brasil, s/d.

⁽¹¹⁾ BENNETT, WALTER, *O Mito do Advogado (The Lawyer's Myth, 2001)*, Martins Fontes, 2005, p. 96.

VIII

O advogado criminal Sir Henry Merrivale diz em *A Flecha Assassina*⁽¹²⁾ que não lhe causa aversão recorrer a certos subterfúgios ou expedientes (como o suborno de uma testemunha ou a utilização dos serviços de um assaltante) se tal se afigurar necessário à defesa de um inocente.

Servir a Justiça por meios proibidos justifica-se se estiver em causa a liberdade de uma pessoa inocente (dada a iminência de um claro erro judiciário)? Ou, perante a possibilidade concreta de acontecer uma grave injustiça, uma ignomínia, o defensor pode evitar por caminhos ínvios e contrários às boas práticas (se outros se mostrarem ineficazes) o sacrifício de um não culpado? O advogado deve lealdade ao Direito mas defende e representa o acusado em Tribunal e perante a figuração do arbítrio e a necessidade e a natureza das coisas compreendem-se as heterodoxas deduções, e a deriva (de realismo jurídico) em busca de desesperadas panaceias. Ángel Ossorio y Gallardo⁽¹³⁾ diz que “deverá servir-se o fim bom ainda que com meios maus [usando de ardis censuráveis]” e que “para medir tal finalidade há de usar-se balança da mais exata precisão [de outro modo caberiam aqui todas as desonestidades]”...

H. M. investiga o homicídio da flecha pintada e defende no Tribunal um rapaz acusado do assassinio de um arqueiro, num magnífico *legal thriller* clássico construído com sequências de fatores surpresa, efeito da investigação paralela independente, em torno de um crime impossível, do género *the locked room mystery*.

IX

O advogado Harold Welkyn, de *Crime no Lago*⁽¹⁴⁾, é um conhecedor e praticante fervoroso do oculto, sendo por isso a sua clientela basicamente constituída por videntes, médiuns, adivinhos, adoradores do Diabo e de outros ídolos relacionados, e, claro, trapaceiros e charlatães.

Todo o criminoso (supondo o cometimento de burla ou estelionato pelos astuciosos clientes) tem direito à defesa num processo justo, dada a

(12) DICKSON, CARTER, *A Flecha Assassina (The Judas Window; The Crossbow Murder, 1938)*, Livros do Brasil, 1995.

(13) OSSORIO Y GALLARDO, ÁNGEL, nota 6, p. 21.

(14) CARR, JOHN DICKSON, *Crime no Lago (The Crooked Hinge, 1938)*, Empresa Nacional de Publicidade, s/d.

relação deste direito inviolável com o princípio da dignidade da pessoa humana. Não havendo no processo criminal o que se denomina *causas injustas* (embora haja causas más, e outras que possam ser objeto de escusa), não se deve recusar a defesa a quem quer que seja.

A intriga inicia-se com uma troca de identidades ocorrida durante o naufrágio do Titanic, que depois origina uma disputa em torno de um título de barão e de uma fortuna fabulosa no Condado de Kent. Quem é o usurpador da identidade, o impostor, e quem é realmente o nobre? Um deles (o falso ou o verdadeiro senhor do solar) é assassinado junto ao lago da propriedade, entre os buxos do labirinto do jardim que dizem habitado por fantasmas. No sótão da mansão encontra-se um autômato animado (um boneco mecânico assustador) e uma coleção de livros de bruxaria e de ciências ocultas antigos que alguém consulta em segredo. Conta-se que se estuda satanismo e pratica culto a Satanás no labirinto do jardim, unguindo-se os iniciados com veneno de acónito, beladona e dulcamara. O mordomo presenciou da janela do Quarto Verde, sobre a biblioteca, a impossibilidade do assassinio: o morto estava sozinho quando se suicidou entre os arbustos. Na precisa noite em que os poderes das trevas andam exaltados, o perspicaz Gideon Fell decifra o enigma num belo romance onde a máscara de Jano é equiparada à de Satan.

X

Hugh Rowland, jovem advogado da firma Rowland & Gardesleeve em *O Mistério do Parque*⁽¹⁵⁾, diante de um aparente homicídio cometido pela mulher por quem está enamorado, diz: “Escute-me! Você não fez isso. É o primeiro ponto”. A seguir conclui que as pegadas da dama visíveis no local do crime tinham de desaparecer para o júri não a mandar para a forca, e tentou apagar os indícios (ocultar as provas simples e evidentes) com um ancinho de jardineiro, preparando uma defesa falsa. Por outro lado, para o pai de Hugh, o velho e astuto advogado Rowland Sênior, “não é fatal dizer mentiras à Polícia”, desde que estas salvem um dos *nostros* da forca, ainda que com as aldrabices haja o risco de enviar-se um terceiro inocente para o patíbulo.

(15) CARR, JOHN DICKSON, *O Mistério do Parque* (*The Problem of the Wire Cage*, 1939), Editorial Século, s/d.

O enamoramento (o afeto) será porventura, para um benevolente, uma circunstância atenuante a considerar na valoração do móbil da ocultação dos vestígios, compreendendo-se o conselho e a atitude (o encobrimento, o despistar da investigação criminal desviando as diligências, o favorecimento pessoal) à luz do desespero ante o provável destino sombrio da amada. Mas a posição do Sênior Lawyer, não querendo saber das consequências trágicas da calúnia, a sua desonestidade, a apologia da sabotagem do processo que faz, não tem desculpa e traduz uma infâmia indigna da ética (e do *peso*) da toga. [Comportamentos desta natureza prolongam o dizer de Henri Robert⁽¹⁶⁾: “Na literatura o advogado geralmente não tem boa fama”; é assim que ele aparece no *Pantagrue*, de Rabelais, em *Os Litigantes (Les Plaideurs)*, de Racine, na pena de La Fontaine...].

O crime é impossível, pois não existem pegadas na terra batida do *court* de ténis que conduzam ao cadáver (a não ser as do morto e da heroína do romance) e a levitação do assassino está absolutamente fora de hipótese, mas no fim o sagaz Gideon Fell explica o milagre de modo convincente.

XI

Em *Desafio ao Leitor*⁽¹⁷⁾ o advogado Lawrence Chase, de rosto solene, turvo, considera-se um vampiro... Desejar a morte a outra pessoa não é crime, esclarece numa conversa informal.

Embora seja verdadeiro o que diz o advogado, pois um desejo (ou uma intenção) não é um facto (nem sequer uma ação) para o direito criminal, que é um direito do facto e não da vontade, uma pessoa com consciência dos valores éticos e servidor da Justiça não deseja a morte a ninguém nem cultiva esse mau sentimento ou transmite essa impressão.

Um sinistro telepata aterroriza um grupo de *vampiros* numa mansão de estilo gótico vitoriano no Surrey. Neste romance muito bem escrito, H. M. desvenda a mistificação da leitura de pensamento capaz de matar outrem (a tentativa impossível), montando uma emboscada ao assassino. “Ele [o telepata] é como Peter Quint no *The Turn of the Screw* [de Henry James]. Recordar-se daquele caso medonho, da governanta aterrorizada na casa chamada Bly? Bly: o próprio nome é curto e cheio de mistério. Quint

(16) ROBERT, HENRI, *O Advogado (L'Avocat, 1921)*, Martins Fontes, 2002, pp. 5 e 6.

(17) DICKSON, CARTER, *Desafio ao Leitor (The Reader is Warned, 1939)*, Livros do Brasil, s/d.

na torre, Quint na janela, Quint na escada de caracol. E tudo numa espécie de penumbra perpétua” [diz uma personagem para H. M.].

XII

Alistair Duncan, advogado do clã Campbell em *O Caso dos Suicídios*⁽¹⁸⁾, faz apologia da hipótese do assassinio contra os fortes indícios da verificação de suicídio existentes no local do acontecimento simplesmente porque o morto, seu cliente, possuía seguros de vida cujas apólices contemplam cláusulas de exclusão do risco em caso de suicídio.

Distorcer a realidade histórica dos factos negando as evidências com o propósito de ser injustamente beneficiado demonstra falta de probidade intelectual e desamor à verdade das coisas, e anima a fogueira do folclore negro, e é também mais um modo que revela a figura do “sapateiro-remendão togado” (para usar uma expressão de Ángel Ossorio Y Gallardo)⁽¹⁹⁾, aqui na variante do advogado charlatão.

A torre do Castelo de Shira, na margem do Lago Fyne, Inveraray, Escócia, está assombrada e “os [excêntricos] escoceses nunca brincam com fantasmas”. Dois jovens noivos passeiam ao crepúsculo pelo bosque de árvores espectrais adjacente ao castelo e ao lago. Gideon Fell num caso bem construído.

XIII

Em *A Caixa de Rapé*⁽²⁰⁾ o advogado Pierre Saulomon, da firma Saulomon & Cohen, é apresentado como tendo um aspeto solene, cinzento, e voz sepulcral.

O excesso de solenidade, *em si*, não é antiético ou imoral, tal como a cara de cadafalso, como é bom de ver, nem denota desconsideração pelo próximo, mas, por outro lado, o modo de ser de Pierre Saulomon, a sua

⁽¹⁸⁾ CARR, JOHN DICKSON, *O Caso dos Suicídios* (*The Case of the Constant Suicides*, 1941), Empresa Nacional de Publicidade, s/d.

⁽¹⁹⁾ OSSORIO Y GALLARDO, ÁNGEL, nota 6, p. 2.

⁽²⁰⁾ CARR, JOHN DICKSON, *A Caixa de Rapé* (*The Emperor's Snuff Box*, 1942), Empresa Nacional de Publicidade, s/d.

solidão, o seu isolamento, também não traduz cortesia ou cavalheirismo. Dantes, segundo Henri Robert⁽²¹⁾, os regulamentos cuidavam da aparência dos advogados mesmo fora do Palácio da Justiça: “Deviam usar roupas pretas, exceto nas férias”. Uma regra tradicional anacrônica, por certo, que até Maurice Garçon deixaria cair. O “Cavaleiro das Leis” parou no tempo.

Um divórcio litigioso numa vila do Sul de França entre um zombeteiro engenhoso e uma *lady* inglesa, um encontro romântico num campo de golfe situado à beira-mar entre a dita *lady* e um conservador excessivo, e um velho colecionador de antiguidades assassinado num quarto de brinquedos face à imprevisibilidade de uma janela indiscreta.

XIV

Em *O Mistério da Areia Vermelha*⁽²²⁾ o jovem advogado de defesa Frederick Barlow mostra-se totalmente cético quanto ao facto de o juiz de um determinado caso judiciário poder decidir moralmente e não apenas tecnicamente.

Contornando a delicada questão da correspondência entre o Direito e a moral, ou a da sujeição do juiz à lei pela lei sem despachos de graças, a crítica e a vigilância sobre a administração da justiça criminal pelos juizes, se exercida dentro de limites aceitáveis, com justa medida, em nada colide com o sentido de respeito que tem de existir nas relações entre a advocacia e a magistratura, e o ceticismo (ao contrário do cinismo) enquadra-se dentro desses limites. Certo é que a verdade judicial não deve resultar somente do emprego da técnica. Mais importante do que a aplicação maquinal ou mecânica da lei e do Direito é julgar humanamente, dado que só por aí, nessa margem da relatividade, se encontra a Justiça. Todavia, os precedentes procuram normalmente outro equilíbrio. “Sejam, como dizia Cícero, a lei falante; mas não oráculos misteriosos e impessoais...”⁽²³⁾.

Um juiz tenta subornar o noivo da sua filha para que esta não case com um suposto *Casanova* e este finge aceitar o suborno dando a entender ao seu futuro sogro que além de Casanova também é um chantagista da

(21) ROBERT, HENRI, nota 16, p. 90.

(22) CARR, JOHN DICKSON, *O Mistério da Areia Vermelha (The Seat of the Scornful; Death Turns the Tables*, 1942), Editorial Século, s/d.

(23) FERRI, ENRICO, *Discursos de Acusação*, Arménio Amado, 1939, p. 10.

pior espécie. Depois sucede o assassinato do homem de má fama na mansão de praia do *virtuoso* juiz e quando as aparências iludem Gideon Fell elucida e resolve as coisas, mesmo as ruínas.

XV

Stephen Grange, o advogado conservador dos Wainright em *A Morte de Uma Dama*⁽²⁴⁾, serve-se da grande amizade que mantém com o *coroner* para exercer influência sobre este contando-lhe as coisas de modo a que persuada o júri a ver a verdade, que evidentemente se reduz à sua versão ou interpretação favorável do caso.

Convencer o Tribunal sem ser pela demonstração da realidade ou existência do conjunto dos factos na audiência de julgamento está vedado por lei à Defesa e se a persuasão ou sugestão for feita por portas travessas, como no caso deste falso *lobbyist*, é uma forma de trapacear o justo processo, de subverter o sistema com um gesto baixo, de rábula abusador.

Entre a existência de um pacto de suicídio entre dois amantes, como a análise de pegadas no solo parece demonstrar (e afastada a hipótese de levitação sobre uma trágica falésia), e a conjectura indiciariamente mais realista da consumação de um duplo homicídio, relegando o pacto para o domínio do embuste, configura-se antes a idealização de um crime perfeito cometido por um assassino lógico. A história é narrada por um vetusto médico de forma simples e algo nostálgica face aos crepúsculos rubros da costa do Norte do Devon e à imagem clara da “Lua dos bombardeiros” da Segunda Guerra Mundial. No final, o *maligno* Sir Henry Merri- vale age de modo divino, misericordioso, ao preservar no semelhante a ilusão da bondade.

XVI

O jovem advogado Kit Farrel, de *Aviso Sinistro*⁽²⁵⁾, mandou soltar a matilha de cães de guarda do solar inglês onde se encontrava com o obje-

(24) DICKSON, CARTER, *A Morte de Uma Dama* (*She Died a Lady*, 1943), Livros do Brasil, 1991.

(25) CARR, JOHN DICKSON, *Aviso Sinistro* (*The Curse of the Bronze Lamp; Lord of the Sorcerers*, 1945), Empresa Editorial Édipo, 1950.

tivo de impedir os jornalistas e a polícia de entrarem sem ordem ou consentimento no parque murado da propriedade.

Os cães de guarda não saíram do espaço da habitação e não foram aticados contra as pessoas e convertidos em meio particularmente perigoso, por isso aceita-se a atuação de Kit Farrel, que se considera justificada até sob a lógica comum, pois defendeu-se a reserva da vida privada (evitando-se a introdução em lugar vedado ao público) como se pôde, atendendo às circunstâncias (invasão iminente), e dentro da lei. Ademais, a propriedade tem um “Direito pagão” por detrás (extrapolando com Ángel Ossorio y Gallardo)⁽²⁶⁾.

A história começa com a morte de um arqueólogo causada por um escorpião após a violação de um sarcófago (que continha a múmia sagrada de um sumo sacerdote) durante escavações arqueológicas na margem ocidental do Nilo, no Vale dos Reis. A filha de um Lorde inglês e líder da expedição de arqueólogos traz do Egito para a sua mansão gótica em Gloucester uma lâmpada de bronze amaldiçoada por um excêntrico mágico do Cairo. Enquanto um arquiteto de Londres procura uma passagem secreta na mansão, H. M. combate o funesto presságio do mago, indo ao ponto de dormir no designado quarto dos fantasmas. “Adoro fantasmas”, diz a certa altura o grande detetive com a costumada ousadia.

XVII

Dennis Foster, advogado da velha sociedade Mackintosh & Foster (fundada em 1741) em *Noivado Trágico*⁽²⁷⁾, é descrito como um homem conservador, apreciador dos modos dos *gentlemen* de antanho.

Preservar o mito quase perdido do advogado cortês e cavalheiro, de esmerada correção, esse referencial da tradição, correndo o sério risco de parecer obsoleto ou excêntrico diante dos novos signos, merece admiração e louvor, nenhum reparo deontológico. Na defesa do *velho mundo*, desse imaginário, há é transcendência em Dennis Foster. Como diz Walter Bennett⁽²⁸⁾, “O advogado cavalheiro representa o zénite da velha profissão. Em termos do mito Parsifal, ele é o cavaleiro do Santo Graal”. Ainda que não inicie nenhuma busca mitológica, ou tenha matado o Cavaleiro Vermelho.

⁽²⁶⁾ OSSORIO Y GALLARDO, ÁNGEL, nota 6, p. 12.

⁽²⁷⁾ DICKSON, CARTER, *Noivado Trágico (My Late Wives)*, 1946), Empresa Editorial Édipo, 1952.

⁽²⁸⁾ BENNETT, WALTER, nota 11, p. 94.

Para bem representar o papel de um assassino em série um ator famoso vai passar uma temporada a Aldebridge, nos arredores de Suffolk, pois a peça teatral, de autor desconhecido, foi escrita contemplando personagens e lugares reais. A ação passa pelos *bunkers* de um campo de golfe situado à beira-mar e por uma casa dos horrores que integra uma carreira de tiro florestal desativada. H. M., esse, enquanto *caça* impiedosamente o Barba Azul, revela-se um jogador de golfe batoteiro, sacrílego.

XVIII

Em *A Esfinge Adormecida*⁽²⁹⁾ o advogado Derek Hurst-Gore, apresentado como um homem misterioso e de semblante astuto, profere no romance uma frase deveras enigmática, de panteísta: “Eu estou em toda a parte”. Num jogo de assassinios usou a máscara de um famoso *serial killer* como disfarce, desempenhando o papel de forma admirável.

Sem comentários de Direito. (Se Derek está em toda a parte identifica-se com tudo, não se distingue do Mundo, e é neste lugar que vê o transcendente).

Gideon Fell, “o [confesso] joguete dos fados e da demonologia”, explica o mistério de uma cripta assombrada pelo horror *poltergeist*, entre conversas ao luar, efeitos de morfina e beladona e certa dança de máscaras macabras.

XIX

Mr. Howard Betterton, advogado de Frederick Manning de *Repouso Mortal*⁽³⁰⁾, é caracterizado como um autêntico cangalheiro, com o seu conservador fato escuro e gravata preta e cara de jogador de póquer, apagada.

Uma figura funerária andando esquiva entre os outros. Sem charme, sem alegria, num inútil despojamento. Uma acha clássica para a fogueira da mitologia negra da profissão liberal, que compreende as anedotas de escárnio e maldizer e o obscuro sacerdócio. Antes um irreverente.

⁽²⁹⁾ CARR, JOHN DICKSON, *A Esfinge Adormecida (The Sleeping Sphinx)*, 1947), Livros do Brasil, 1998.

⁽³⁰⁾ DICKSON, CARTER, *Repouso Mortal (A Graveyard to Let)*, 1949), Livros do Brasil, 1993.

A ação inicia-se em Lower Manhattan com Sir Henry Merrivale a fazer *vodu* no metropolitano de Nova Iorque, criando com o divertimento uma confusão dantesca, e em seguida passa para Maralarch, no Condado de Westchester, onde sucede o fantástico desaparecimento de um mago na piscina da sua mansão. Um busto do poeta Robert Browning constitui a chave do enigma do homem invisível, que inclui um campo de jogos e um cemitério em ruínas. A bela e fatal Crystal Manning desliza no enredo invocando os antigos românticos. Para discutir os mistérios, diz H. M. com sapiência, “precisa-se de sombras e de pios de corujas”.

XX

Em *Sob Suspeita*⁽³¹⁾ o elegante e insensível advogado Patrick Butler, de vida circunspecta, contudo forjador de provas e capaz de chamar patife a um juiz sem mais nem menos no âmbito de uma audiência de julgamento, prefere ter clientes culpados a inocentes (por causa da *fantasia* da defesa), e sabe da sua culpabilidade ou inocência principalmente pela *atmosfera*...

Vendo a indesculpável batota processual, o jogo desleal de defesa à custa de expedientes proibidos, e a ausência de respeito no exercício das suas funções para com um magistrado judicial, e mesmo a arriscada intuição (adivinhação) de parapsicólogo forense, a crença nas meras percepções, conclui-se que, tirando a cautela social, a aceitável reserva, e a alienação da retórica forense, esse voo de imaginação que pode afastar-se do objeto do processo e até do dizer das normas para seguir elementos estranhos (considerando, porém, que “o advogado não é, como o mau retórico dos velhos tempos, um mentiroso”⁽³²⁾) cujo único fim era convencer ou persuadir em juízo), Patrick Butler manifesta mais defeitos (violando deveres e regras reconhecidos) que virtudes.

Gideon Fell soluciona uma série de assassínios por envenenamento cometidos por uma seita satânica (herética de feitiçaria) com sede na câmara subterrânea de uma capela cristã, local de missas negras a Satanás, figura que aparece na história sob a forma de bode negro. No início, o romance policial é do género barra de tribunal, com referências a advogados togados de cabeleiras empoadas como grotescas flores e severos juízes

(31) CARR, JOHN DICKSON, *Sob Suspeita* (*Bellow Suspicion*, 1949), Editorial Século, s/d.

(32) GARÇON, MAURICE, nota 3, p. 27.

de beca vermelha, depois surge o gótico, as cruzes invertidas de Satã e o cair das máscaras dos terríveis adoradores da *velha religião*.

Apêndice

(Romances de John Dickson Carr/Carter Dickson — que li para escrever este trabalho — sem personagens advogados)

A Casa da Peste⁽³³⁾

Um médium intrujão quer provar a existência de espíritos assassinos numa casa assombrada e concebe para o efeito uma “abominável encenação”. De um punhal que pertencera a um carrasco do séc. XVII a um círculo encantado de espíritos. O Inspetor Masters da Scotland Yard entra como caçador de fantasmas. Habilmente narrado por Ken Blake, trata-se de um romance policial extraordinário, em grande parte desenvolvido numa “espantosa noite” gótica, e de um desafio incrível para Sir Henry Merri-vale.

O Barbeiro Cego⁽³⁴⁾

Um mestre do crime internacional, o terrível *barbeiro cego*, viaja disfarçado entre os passageiros do transatlântico Queen Victoria. O enredo contempla um elefante de esmeralda, fabulosa joia, e uma navalha de cirurgião-barbeiro de ébano e prata trabalhados, além de um teatro de marionetas ou fantoches. Uma das personagens do divertido enredo é o excêntrico Lord Sturton, um aristocrata britânico semelhante aos feiticeiros do excelente ilustrador Arthur Rackham. Gideon Fell desmistifica a farsa.

⁽³³⁾ DICKSON, CARTER, *A Casa da Peste (The Plague Court Murders)*, 1934, Empresa Nacional de Publicidade, s/d.

⁽³⁴⁾ CARR, JOHN DICKSON, *O Barbeiro Cego (The Blind Barber)*, 1934, Livros do Brasil, s/d.

Os Três Ataúdes⁽³⁵⁾

Magnífico romance policial de ilusionismo e vampirismo, sumidades em histórias de fantasmas e ciências ocultas, passado no bairro londrino de Bloomsbury sob a sombra da remota Transilvânia e a invocação de *O Homem Invisível* de H. G. Wells. Os mortos podem sair dos caixões como vampiros, os mascarados podem andar sobre a neve sem deixar vestígios de pegadas e os ilusionistas-assassinos podem assassinar mágicos por magia ou avançar ao encontro da sua própria imagem, cometendo “crimes brilhantes”. O Dr. Gideon Fell, detetive amador e autor de um livro sobre o sobrenatural na literatura inglesa, diz a certa altura: “Um espírito deve ser sempre maligno. (...) Os seus antecedentes devem ser antigos, académicos ou eclesiásticos. [Um espírito] precisa de ter um sabor a claustro ou a velhos manuscritos latinos. Hoje em dia [nas histórias de fantasmas] há uma tendência infeliz para troçar das velhas bibliotecas ou das ruínas da antiguidade (das velhas ruínas, dos cemitérios, das igrejas)”.

Os Crimes da Viúva Vermelha⁽³⁶⁾

Não há fantasmas nem engenhos ou armadilhas mortais no Quarto da Viúva Vermelha mas acontecem misteriosos assassinatos dentro dele. O às de espadas, “a carta da morte”, calhou num jogo a um jovem e taciturno médico alienista que anda pela casa de um abastado lorde inglês procurando desmascarar um louco, sucedendo assim o início da história debaixo dos auspícios aventureiros de *O Clube dos Suicidas* de R. L. Stevenson. Outro personagem, que usa óculos escuros no meio do nevoeiro londrino, manifesta um gosto mórbido por demonologia e magia negra, como a nigromancia. Viajantes trouxeram do Amazonas flechas envenenadas com curare. A maldição do quarto da viúva vem da época do Terror da Revolução Francesa. H. M. promove classicamente o fim da lenda.

O Crime das Mil e Uma Noites⁽³⁷⁾

Num museu oriental de Londres, durante um jogo macabro de jovens fictícios violadores de túmulos e assassinos, um intruso é encontrado

(35) CARR, JOHN DICKSON, *Os Três Ataúdes* (*The Hollow Man; The Three Coffins*, 1935), Editorial Minerva, 1954.

(36) DICKSON, CARTER, *Os Crimes da Viúva Vermelha* (*The Red Widow Murders*, 1935), Livros do Brasil, 1949.

(37) DICKSON, CARTER, *O Crime das Mil e Uma Noites* (*The Arabian Nights Murder*, 1936), Editorial Minerva, 1956.

morto dentro de um coche inglês de transporte do passado. A arma do crime é uma adaga persa, de lâmina curva. Entre os personagens aturdidos avulta um ministro do Evangelho e pregador escocês hermeneuta de textos antigos. Encenação de uma história das arábias, cheia de acontecimentos estrambólicos, solucionada no final por Gideon Fell.

O Problema da Cápsula Verde⁽³⁸⁾

A história inicia-se nas ruínas da cidade romana de Pompeia, com uma conversa em torno da casa de um envenenador romano antigo, e passa seguidamente para a sinistra arte de envenenar em Inglaterra. Chocolates envenenados com estricnina, uma cápsula com cianeto, rol de envenenadores famosos. Um filme mudo de um assassinato sob a lógica da prestidigitação. Gideon Fell num caso brilhante sobre um dissimulado e insidioso envenenador com absoluto desprezo pela vida humana.

Crime e Frustração⁽³⁹⁾

Sucedem-se várias tentativas de homicídio num estúdio cinematográfico inglês em ambiente de *blackout* por causa das bombas alemãs da Segunda Guerra Mundial. Uma dessas tentativas foi feita através de um cigarro envenenado com beladona. H. M. desmonta a insídia.

O Mistério do Cofre Secreto⁽⁴⁰⁾

O romance inicia-se na barraca de um obscuro vidente ou adivinho que tudo vê e sabe no cristal durante um chuvoso *garden party* realizado no parque de um último barão. Depois é Gideon Fell contra um envenenador que utiliza ácido prússico em seringas hipodérmicas e dispara balas *mágicas* na noite.

⁽³⁸⁾ CARR, JOHN DICKSON, *O Problema da Cápsula Verde* (*The Problem of the Green Capsule; The Black Spectacles*, 1939), Editorial Século, s/d.

⁽³⁹⁾ DICKSON, CARTER, *Crime e Frustração* (*And so to Murder*, 1940), Livros do Brasil, 1946.

⁽⁴⁰⁾ CARR, JOHN DICKSON, *O Mistério do Cofre Secreto* (*Till Death Do Us Part*, 1944), Editorial Século, 1958.

Crime no Jardim Zoológico⁽⁴¹⁾

No início dois jovens românticos ilusionistas pertencentes a famílias de mágicos secularmente inimigas encontram-se por acaso na Casa do Répteis de um jardim zoológico de Londres. Depois sucede o assassinato de um zoólogo por um astuto assassino, funesto evento que constitui um repto para H. M., que no fim da novela obtém a confissão do agente do crime utilizando para o efeito uma serpente cascavel (tendo noção do método proibido de prova e da sua consequente nulidade se oferecida em tribunal, ou não fosse o famoso detetive também advogado e *embusteiro*).

A Bengala de Estoque⁽⁴²⁾

Em Chartres, numa torre medieval circular com uma escada em caracol e um telhado plano rodeado por um parapeito em ameias (“a torre parecia o cenário de uma história alemã de fantasmas”), ocorre um crime impossível. Alguns anos mais tarde sente-se a presença de um espírito maléfico e discute-se a possibilidade da morte causada pelo terror na mansão Greywood em New Forest. Da ocultação de um homicídio raivoso a uma tentativa de assassinio premeditado por um ser diabólico que traz aos outros a escuridão do mundo. Um colecionador de bengalas de estoque e biógrafo do Conde Cagliostro, uma bibliotecária erótica e suspeita da prática de vampirismo, um artista desesperado por estudar pintura em Paris, uma mulher ideal de cabelo loiro quase branco e um homem enfeitado, são algumas das personagens deste romance neogótico de crime, ocultismo e história de vampiros, bem ao estilo do Dr. Gideon Fell, detetive londrino crente na existência de forças sobrenaturais e mestre em desmascarar terríveis assassinos.

O Sinal do Morto⁽⁴³⁾

Uma mulher leviana é apunhalada mortalmente no coração com uma adaga de cabo de prata do séc. XVIII num quarto fechado à chave pelo lado

(41) DICKSON, CARTER, *Crime no Jardim Zoológico* (*He Wouldn't Kill Patience*, 1944), Livros do Brasil, 1991.

(42) CARR, JOHN DICKSON, *A Bengala de Estoque* (*He Who Whispers*, 1946), Público, 2005.

(43) CARR, JOHN DICKSON, *O Sinal do Morto* (*The Dead Man's Knock*, 1958), Livros do Brasil, s/d.

de dentro. Na hora da morte lia o famoso *The Woman in White* do autor da época vitoriana Wilkie Collins. Isto segundo os indícios e as aparências. O mistério passa por um colégio universitário com um *campus* propício à nostalgia e uma biblioteca de estilo neogótico, ornada de gárgulas. Gideon Fell na mítica Virgínia sob a espada do *suspense*.

2024